

## **A eleição de 1992 para o cargo de prefeito na cidade de Itabuna.**

Cristiano Rocha Santos<sup>1</sup>

Itabuna é uma cidade de grande renome no contexto baiano. Segundo dados do IBGE de 2007, Itabuna é a sexta maior cidade do estado com uma população aproximada de 210.607 habitantes, localizada na região Sul a aproximadamente a 31 km de Ilhéus. Sua economia voltada para a indústria, serviço e comércio atrai pessoas de diversas partes do estado e do país. Essa atração fomentada pela economia tem suas raízes na época áurea do fruto de ouro, o cacau, que contribuiu indiscutivelmente para o desenvolvimento da região sul baiana.

A história política de Itabuna é marcada pela centralização do poder. Mesmo antes de 1910 quando deixou a categoria de vila e tornou-se cidade, Itabuna é governada por uma pequena elite local, fruto da riqueza da região cacauceira. Os intendentess exerciam autoridade política e econômica no município influenciando todos os setores da comunidade.

Com a crise do cacau na década de 1980, a região cacauceira se readequou econômica e politicamente. Não mais seriam as lavouras as principais fontes geradoras de riqueza local. Seria necessário ter mais apoio do governo Estadual e Federal para a implementação de parques industriais, exploração do turismo e do comércio, e para isso, se exigiria um “bom relacionamento político”.<sup>2</sup>

A “boa relação”, por muitas vezes efêmeras, entre as camadas políticas se inicia principalmente nos pleitos eleitorais. Na eleição municipal em Itabuna no ano de 1992, o então prefeiturável José Oduque Teixeira recebera apoio do governo local e Estadual. Enquanto ex-prefeito e renomado empresário, Oduque já detinha certo prestígio na cidade, e os apoios do então chefe do executivo itabunense, Fernando

---

<sup>1</sup> Pós graduando em História do Brasil pela Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC.

<sup>2</sup> Esse “bom relacionamento político” tornou-se o principal discurso da classe dominante que tem por objetivo a perpetuação do poder através do conchavo político atrelando desenvolvimento econômico seja local, regional e até mesmo nacional ao “apadrinhamento político”. Todavia essa afirmação não necessariamente se mostra real, isto é, nem sempre pertencer ao mesmo partido ou coligação partidária significa que determinado local terá um desenvolvimento superior ao administrado por grupo político distinto.

Gomes, e do governador do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, pareciam ser a aliança “perfeita” para sua vitória. Formada a coligação *Tudo por Itabuna* (PFL, PTB) Oduque se mostrava muito confiante na vitória e como vice foi escolhido Carlito Messias (PSD). Só que as coisas não seriam tão fáceis assim.

O então Deputado Federal e ex-prefeito da cidade, Ubaldo Dantas, coligação *Dias Melhores Virão* (PSDB, PPS, PRN), tendo como vice Moacir Lima, também pleiteava a vaga e sua popularidade era substancial devido sua eficiente administração entre 1983 e 1988. A exploração maciça de seus feitos enquanto chefe do executivo era comum. E as pesquisas acompanhavam esse anseio. Uma delas, realizada em 07 e 08 de março de 1992 indicava Ubaldo com mais de 40% (quarenta por cento) das intenções de votos (JORNAL AGORA, nº 464, p.1), sinal de uma futura vitória esmagadora sobre qualquer candidato. Só que as coisas mudariam no apagar das luzes para a decepção de Ubaldo.

O Deputado Estadual Geraldo Simões também ansiava o cargo de Prefeito. Representando alguns setores da esquerda local com a coligação *Vamos Renovar Itabuna* (PT, PSB) Geraldo pretendia obter êxito dessa vez, pois em tentativa anterior em 1982 a frustração foi enorme, menos de 500 votos. Apesar de naquele momento ocupar uma cadeira no legislativo baiano, Geraldo ainda não possuía o status de “querido” da comunidade itabunense. A mesma pesquisa que indicava Ubaldo como o futuro ‘vencedor’ apontava Geraldo Simões na parte de baixo do gráfico, menos de 10%. Seriam necessários uma plataforma de governo excelente e um bom jogo político para aglutinar aliados e virar o jogo. O PSB o apoiou e indicou João Xavier como seu vice.

Um de seus aliados poderia ser Renato Costa, então vice-prefeito, que preferiu disputar o pleito independentemente, apesar de partidariamente está ligado ao candidato do Partido dos Trabalhadores devido o conchavo político com seu partido de filiação, PDT (Partido Democrático Trabalhista) no chamado movimento de esquerda “*Itabuna Levada a Sério*” formado pelos partidos PC do B, PDT, PV, PMN. (JORNAL A REGIÃO, nº 240, p. 04). Seu vice indicado foi Luis Sena, filiado ao PC do B.

Helenilson Chaves, Davidson Magalhães e Antônio Menezes acabaram desistindo do pleito ao perceberem seus insucessos. Esses buscaram novos “lócus”

através de alianças com a provável intenção de ocuparem um cargo na futura administração local. Davidson, por exemplo, passa a apoiar Renato e busca a reeleição enquanto vereador. Mas por que analisar essa eleição?

### **Os estudos sobre o político**

A historiografia política é marcada pelo auge, queda e renovação. A chamada história política tradicional, dominante em todo o século XIX, que dava ênfase aos grandes feitos, aos grandes homens e que viam no documento oficial a verdade incontestável passou por duras críticas. Com a fundação da Escola dos Anales em 1929, o estudo sobre a política sofre duros golpes enquanto a escola francesa privilegiava o social e econômico. Fato que perdurou até a década de 1970. Todavia, Maria Helena Rolim (1996) afirma que nos anos 1980

*“a substituição da revolução pela democracia fez com que as atenções se voltassem para a história política. Se o tema de revolução suscitou um estudo aprofundado das estruturas e relações econômicas e sociais, o tema da democracia pressupõe conhecimento mais aprofundado do mundo da política”*

Neste mesmo ano, René Remond, organiza o livro *“Por uma História Política”* faz uma defesa da renovação da história política rebatendo as críticas dos historiadores dos Anales. Ao perceber as mudanças na conjuntura da Europa, principalmente com o início do declínio do modelo socialista, fala a respeito do ‘renascimento da história política’. A intervenção do Estado fomentando as políticas públicas devido às constantes crises que desregularam as economias liberais indicavam que a relação entre economia e política não tinham um único sentido. A decisão política poderia mudar o curso da economia e vice – versa.

Tratando a respeito das eleições em seu país, a França, Remond chegou a destacar a necessidade da pesquisa histórica no campo eleitoral. Segundo ele os historiadores deveriam dar mais atenção a essa vertente da pesquisa política. Quanto à importância de uma eleição e suas conseqüências ele diz

*O que elas modificavam a jusante no equilíbrio de forças, a relação entre maioria e oposição, a composição dos governos e até mesmo, ocasionalmente, o funcionamento das instituições ou a duração dos regimes. Após a Primeira Guerra, um outro ponto de vista começou a surgir: percebeu-se que uma eleição é também um indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos. (p. 40)*

Quanto a relevância das campanhas eleitorais, afirma

*A campanha é parte integrante de uma eleição, é seu primeiro ato. Não é apenas a manifestação das preocupações dos eleitores ou a explicação dos programas dos candidatos e dos temas dos partidos, é a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos dos políticos e os movimentos de opinião. (p.46)*

Para René Remond a nova história política ao se ocupar do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, interage todos os atores, mesmo aqueles mais simples, no jogo político, perde seu caráter elitista e individualista, pois o povo é elevado como seu objeto central. Por este motivo Remond destaca a importância do estudo das eleições municipais “As eleições municipais também mereceriam que alguém se interessasse por elas” (p. 49).

Essa nova história política passa por inovações teórico-metodológicas que contribuirão para o enriquecimento da historiografia. Entre essas inovações estará o alargamento das chamadas fontes históricas e os jornais passarão a ser utilizados com maior Constancia. E essa fonte norteia este trabalho.

### **O clímax do pleito municipal**

Enfim, essa eleição foi competitiva e seu clímax surpreendente. A vitória do candidato Geraldo Simões (23.626 votos) causou surpresa entre seus concorrentes, e, em Ubaldo Dantas, frustração por ser apresentado durante toda a campanha como favorito e na contagem final dos votos alcançar apenas a terceira colocação com 18.213 votos. (JORNAL A REGIÃO, n° 269, p.01). O dia 03 de outubro seria indelével para todos e para o poder local grapiúna. Um “novo político” acabara de “despertar” e, a partir dali, os candidatos Ubaldo Dantas e Oduque Teixeira passariam por um processo de esquecimento político. A política itabunense passou a seguir um caminho

dicotômico: representando setores da direita, Fernando Gomes, e da esquerda, Geraldo Simões. Essas duas personalidades até a atual conjuntura ainda continuam sendo os principais representantes da política local.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Palma; ROCHA, Lurdes Bertol; GASPARETTO, Agenor. **De Tabocas a Itabuna: um estudo histórico geográfico**. Ilhéus: Editus, 2005.

CAMPELATO, Maria Helena Rolim. **História Política**. Revista estudos Históricos, Rio de Janeiro. N. 17, 1996.

GASPARETTO, Agenor. **Política & Pesquisa: a sucessão municipal no sul da Bahia. Itabuna**, [BA]: [s.n.], 1993.

KINZO, Maria D'Alva G. **Partidos, Eleições e Democracia no Brasil pós 1985**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 19, nº 54, fevereiro/2004.

RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RÉMOND, René. **Por que a História Política**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p.p 7-19.

**[SEMINÁRIO CULTURA E POLÍTICA NA  
PRIMEIRA REPÚBLICA: CAMPANHA CIVILISTA  
NA BAHIA]**

---

UESC, 09 A 11 DE  
JUNHO DE 2010